

# A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

EDITOR:

Alcindo Dias Pereira

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

DIRECTOR:

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165 — Composto e impresso na Tipografia de A TRADIÇÃO: Rua Miguel Bombarda — F A F E

Perante o cadaver do Grande Portugês e inclito Cidadão Dr. António José de Almeida, os republicanos de Guimarães se curvam mui respeitosamente e desfolham as flôres da sua infinda saudade, proclamando a uma voz a sua sincera união em volta da Bandeira da República.

## COISAS E LOISAS AOS NOSSOS LEITORES

Quando nesta secção nos referimos a coisas de religião, de seitas e de igrejas, temos sempre presente que a República é neutra em matéria religiosa. Nem de outro modo podia ser, defendendo e respeitando ela, como principio fundamental da sua existência, a liberdade de consciência. Mas, daí até concordarmos que a República deve sêr de *gesto* ante os processos de propaganda e acção das várias religiões, seitas ou igrejas, dentro do seu território, vai um abismo.

Num estado republicano a supremacia pertence inteira e absoluta ao poder civil; quaisquer forças que pretendam diminuir esta supremacia devem sêr corrigidas ou anuladas. A República é por principio, tolerante; mas é também, por justiça, intransigente.

Não saiam as religiões, seitas ou igrejas, da sua função espiritual; não tentem elas formar estado dentro do estado, e a República respeita-las-há, como se tem visto entre nós.

Mas, se as religiões saltam do campo espiritual para o político; se de algum modo tentam lesar ou negar os principios democráticos sobrepondo-lhes os seus, é dever de todos os republicanos combatê-la. E' dever de todos os republicanos e de todos os liberais.

Liberdade de pensamento, liberdade de consciência! Por elas lutaram e morreram Socratas e Cristo, e elas devemos a formidável obra humana de que a História nos fala, página por página, letra por letra. Asfixiá-las o mesmo é que fazer o vácuo em volta do espirito humano. Sem liberdade de pensamento, sem liberdade de consciência, não há Democracia e, muito menos, República.

Quando a igreja, qual-

quer igreja, condena a Razão e com ela a liberdade de pensamento e de consciência, opondo-lhes os seus dogmas, as suas violências, a sua teimosa intolerância, cobarde é aquêlê que a não combate e a sociedade que a sofre.

Convençamo-nos todos de que o pior inimigo da Democracia, pelo facto de o ser da Razão e da Verdade, é a religião feita estado.

Liberdade de pensamento, liberdade de consciência, e n' que a humanidade assenta os alicerces da sua emancipação, nega-as ela hoje, com o mesmo afan e furor com que outrora as condenava a fogueira. E sem liberdade de pensamento e de consciência o homem mal se aparta do bruto, obediente à força que lhe escravisa as faculdades como o boi à sôga ou o cavalo ao freio.

Dogmáticas e, por isso, tolerantes, as religiões apresentam o velho espirito medieval, repugnante fantasma dos tempos remotos dos servos e dos vilões, da mentira das indulgências, do duelo feito juizo de Deus, dos mil vexames das classes privilegiadas, das extorsões dos poderosos, das bacanais dos conventos, do veneno dos Bogias e desse empírico maquiavelismo que o punhal e o carrasco acoltavam e sustentavam.

Que os republicanos se não esqueçam de que o pior inimigo da Democracia está na igreja, em qualquer igreja, e que a melhor arma que temos para a combater é ainda e será sempre a Razão.

Se Deus fez o homem, foi Deus quem lhe deu a Razão. Condenar esta é negar a obra daquêlê.

Porque a condenam, pois, os Luteros, os Calvinos e os vários Pios que em nome de Deus se arrogam o direito de tutela sobre tudo e sô-

Participamos aos nossos presados leitores que vamos proceder à cobrança do último semestre de «A Velha Guarda» que terminou com o número 244.

Esperamos que sejam bem acolhidos os recibos, evitando devoluções, pelo que antecipadamente agradecemos.

### A Escola no Centro Republicano

**Liberais, mandai os vossos filhos à escola!**

Tendo sido autorizado superiormente o funcionamento da Escola inaugurada na sede do Centro Republicano, desta cidade, participamos a todos os liberais, incluindo os próprios socialistas, que já se encontra aberta a matrícula na sede do referido Centro, em todos os dias uteis, desde as 20 h 12 horas, e que o poderão fazer gratuitamente mediante um boletim de recenseamento escolar ou de certidão de idade, que gratuitamente se adquire respectivamente na Câmara Municipal ou no Registo Civil.

Liberais, mandai os vossos filhos à escola da República.

### “O POVO”

O nosso colega «O Povo», diário da tarde de Lisboa e guarda-avançada da República, em seu n.º 377 transcreve parte duma local inserta no nosso penúltimo número, pelo que nos confessamos muito gratos, enviando-lhe sinceras e cor-deais saudações.

bre todos? E' que a Razão é único caminho que conduz até Deus, até à Verdade, e ai delas, ai das igrejas, quando o homem entrar nêsse caminho, chegar à Verdade.

X. X. X.

Assina! «A VELHA GUARDA»

Nex, nix, nox... fue e ejus

Ao culto amigo Alcindo Dias Pereira

*Anceio pela Luz,—oriunda da Razão,—  
E adoro a Liberdade,—a ingênita do Amôr,—  
No mundo reine um só e bondoso coração,  
Que o livre da nefanda e deshumana Dôr!*

*Seja isto minha Pátria edénica mansão,  
Livre do Deus tirano, um Deus que é só pavôr...  
Não ressuscite mais Domingos de Gusmão,  
E encíclicas papaes... carêcem de valôr!*

*A Luz vem da Razão, do Amôr a Liberdade...  
Cantando a Luz e o Amôr, eu sou um revoltado  
Contra a Fé e a Opressão,—a Noite e a Iniquidade...*

*A sã Filosofia o Bem há consumado,  
Minando a Teologia, e dando à Humanidade  
Justiça, Luz, Beleza, e o Amôr imaculado?!*

COSTA GUIMARÃES.

## A República e a sua obra

Por concordarmos em absoluto com este interessante artigo, publicado em «A Ideia Livre» no número comemorativo do «5 de Outubro», com a devida vénia o transcrevemos:

«Meu presado amigo:

Pede-me duas palavras para o número do seu jornal, em 5 de Outubro; que hei-de eu dizer-lhe?

O balanço da República Portuguesa oferece, sem dúvida, um grande saldo positivo a favor da Nação. Todas as inevitáveis vicissitudes porque ela tem passado: a hostilidade infatigável e armada dos seus adversários, a Grande Guerra, com o seu interminável cortejo de horrores e devastações e com as suas terríveis consequências económicas e financeiras e os interregnos de governação anormal não conseguiram inutilizar-lhe o esforço renovador. Todos os erros dos homens que a serviram deixando em certo momento e criminosamente morfinisar a sensibilidade patriótica do país e permi-

tindo senão auxiliando a proliferação do seu inimigo irreductível: a plutocracia, não conseguiram também impedir que as virtudes da própria democracia, exaltadas pela intuição salvadora da massa popular, se afirmassem, através de tudo.

E assim, em 1913, a República se deve a redenção financeira do Estado, seguida, um ano depois, pela salvação da integridade nacional. Todos os sacrificios que se tem exigido ao país, inclusive o que, neste momento, êle está ainda fazendo abnegadamente, para responder, com dignidade e orgulho, à insolita exigência do areopago de Genebra, não são senão o proseguimento natural e logico do que, em 1913 e 1914 foi, pode dizer-se, a floração admirável das virtudes da Democracia portuguesa.

Essas virtudes são organicas e indestrutíveis. Não as corrompem os erros dos homens e a própria evolução dos principios só serve para as corroborar.

Escreve-o quem, deplô-

rando e execrando tais erros, com a autoridade especial que lhes dá a sua amargurada e dolorosa experiência da negação dos princípios fundamentais da Democracia e da Legalidade que é a sua essência, cada vez mais reconhece que estes não podem ser responsabilizados pelos abusos e pelos crimes que, em seu nome, se cometem.

A 19 anos de República quem ousará negar que ela vive e domina a grande massa do país que pode, um momento, descrever dos homens inferiores e dos seus vis processos, mas que não deixa já mais de amar, nela a Liberdade que é a sua origem e o seu destino?!

E não há obscuridade, mesmo aparentemente dura, que consiga ensombri-la sequer.

A República tende naturalmente a coincidir com a Nação.

Trabalhar porque o consiga, eis a missão dos republicanos de pensamento e de sentimento.

Por mim sinceramente me hei esforçado sempre e sinceramente continuarei a esforçar-me por uma República verdadeiramente nacional que integre na tradição do povo português, as naturais aspirações do nosso tempo. República que ame e sirva e defenda a nossa terra da Metrópole e das Colónias e nela faça florescer perpetuamente a glória da Raça que triunfou em todos os continentes (que ela descobriu e conquistou), de todos os seus inimigos e que há-de vencer, enquanto houver portugueses, todos os que pela concorrência, pela corrupção ou pela força pretendam dominá-la.

Creio que estas palavras e o voto que elas exprimem ficarão bem no numero comemorativo do 5 de Outubro. E por assim o crer, afectuosamente o abraço como republicano e como

Camarada e amigo.

Nuno Simões

## NOTICIÁRIO

Ha dias tivemos o prazer de abraçar o nosso querido amigo e presado correligionário, Sr. Manuel de Sousa Guimarães, abastado proprietário em Serzedo.

Foi colocado em Bouro, como professor, o indefectível republicano, Rev. Francisco Antunes de Almeida, que nesta cidade exercia o cargo de professor da extinta E. P. S.

Os nossos cumprimentos. — De visita a seus pais, estiveram nesta cidade os filhos do nosso dedicado correligionário e amigo Sr. Agostinho Martins da Rocha, digno afeitor municipal.

— Em Famalicão, esteve no passado domingo de visita á sua Ex.<sup>ma</sup> família, o nosso querido correligionário, Sr. Joaquim Eduardo da Silva, digno chefe da Agencia da Caixa Geral dos Depósitos, desta cidade.

## O que o berço dá...

Poucos são aquêles que, por um esforço grande da sua vontade; pelas circunstâncias da vida, pela conveniência escolhida e principalmente por um canzeiroso e aturado estudo, fogem ao aforismo que serve de cabeçalho a este pequeno e despretencioso arrasoado.

Há felizmente alguns que, souberam vencer, se formaram por si mesmo honrosamente, sem que nunca se deixassem cair, ou mostrassem sequer, o nada donde vieram.

Para estes o nosso respeito, a nossa profunda admiração.

Outros há, e esses são em grande número, que, por mais esforços que empreguem, hão-de sempre patentear aos olhos admirados d'aquêles, que tem a infelicidade, ou a obrigação, pela força das circunstâncias, de os atender, o nada de onde vieram, a maldade que lhes vai na alma rasteira e que eles procuram encobrir, com o lustro das suas palavras bombásticas, e com admanes, que, parecendo naturais, mostram de princípio que são simplesmente estudadas.

Para estes a nossa repulsa.

Os primeiros mostram em tudo a sua lizeza de caracter, a bondade que os personifica; sabem desculpar e perdoar as faltas dos outros; são compassivos e ternos, e quando tem de aplicar a Lei ou a Justiça, empregam-na docemente, procurando linhar as asperezas que lhes são inerentes, vend-se logo que o fazem com pezar; as suas admoestações mais parecem conselhos que reprimendas; estas são sempre dadas a sós com o delinquente, sem aparato, baixinho, de modo que o delinquente não se arrejee que os outros conheçam as suas faltas, que, por este proceder correcto, quasi sempre tem emenda.

Aquêles que prevarica e é admoestado ou castigado desta maneira, se não é preverso, envida todos os esforços da sua vontade, para não mais cair em faltas, que dêem motivo a novas admoestações ou reprimendas. E, assim, temos que de um criminoso, talvez, se faça um homem bom.

Os segundos, cheio de uma vaidade ôca que não tem limites, julgam-se uns super-homens.

Quando têm de tratar com os seus semelhantes fazem-no sempre espalhafatosamente, falando de papo, alto e com trejeitos de regateira.

Para eles uma pequena irregularidade é logo acoimada de falta gravíssima, crime sem perdão. Todos são máus, todos são preversos, todos são imbecis; só elle, somente o super-homem é honesto, e sério, e digno! Tudo o mais é uma corja, somente digna de desprezo!

Só fala de si, só elle é capaz de produzir, só elle é sábio, é correcto, é honesto! Os demais não vêem dois dedos diante do nariz.

O super-homem, nas suas conversas, nos seus escritos, sempre falhos de gramática e senso comum, procura elevar-se a si, amesquinhando os outros, para se elevar, procura incutir no animo dos que o escutam, que só elle é útil, que só elle é defensor acérrimo da moral, que só elle sabe discernir o bem e o mal.

Para isso, aponta casos e factos que se dão, mostrando-se pezaroso d'esses factos, atribue-os a outros, que elle veja que se não podem defender, mostra-se contristado, mas na sua alma pequena, no seu espirito mesquinho, cantam-se ale-

luías por poder cravar bem fundo o punhal ignominioso da calúnia. Só está bem, só vive bem e satisfeito quando a desgraça cai sobre o seu semelhante, que elle, o super-homem, ainda procura vilipendiar, remechendo no seu infortúnio.

São assim as almas vis e pequenas, é assim aquêles que, sendo um zêro, pretende elevar-se acima dos outros, calcando-os, são as im os nulos.

Aquêles que pretende impôr-se como super-homem, é capaz de tudo, para conseguir os seus fins. Ele é mentiroso, é intrujão, é caluniador, é falsário. Nenhuma dúvida põe em selar com juramento, ou com a palavra de honra, uma falsidade, que elle saiba que é falsidade, basta que elle se refira a indivíduos que lhe fazem sombra, ou que lhe parece conhecerem a sua maldade.

Caridade!? E' coisa que não sabe o que é para os outros; conhece-a, assim, e muito, mas para ser aplicada só e exclusivamente á sua nulidade.

Nuna palavra: Aquêles que quer passar por super-homem, é um enfatuado que, obcecado pela vacuidade do seu espirito, pela vaidade e pequenez da sua alma de reptil viscoso, chega a pavonear-se das suas mesquinhas proezas, das suas falsidades, da sua maldade.

Isto vem a propósito do gesto praticado e ainda vangloriado por uma nulidade que, dizendo-se escritor, poeta, escultor, mestre d'obras, arquiteto insigne e d'instinto arqueólogo, nada vale. E' um zêro em toda a acepção da palavra.

Este número foi visado  
pela Comissão de Censura  
A União do Professorado Primário Oficial  
de Portugal

## ATÉ QUE ENFIM...

Foi já para o D. do G. o despacho do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ministro da Instrução Publica autorizando a reabertura do nosso querido organismo associativo—A. dos P. P. O. P.—e mandando entregar lhe os haveres que lhe tinham sido arrolados.

Pela determinação 7.<sup>a</sup> do referido despacho há mandado de captura para um Ex.<sup>mo</sup> Inspector Chefe do ensino primário á guarda do qual foram confiados os haveres dos sócios da União e o que até ao presente não deu o devido e legal destino.

Justiça foi feita ao professorado primário official português que vivia acabrunhado sob o peso de uma suspeita que de véras o irritava por infundada.

Sua Ex.<sup>a</sup> patenteia-se-nos amim um caracter íntegro, e um julgador despido de preconceitos e rectíssimo nas suas decisões.

Simultaneamente deixa entrever que não poupará ninguém, que abusando de situações privilegiadas, porventura não tenha ajudado na questão com honestidade e correção.

Resta que nós, professores primários, nos unamos á volta da bandeira da nossa União e conjugemos todos os esforços para que ela seja o que o grande Manaças queria que elle fosse.

Guimarães, 29--10--929.

Prof. Jerônimo Ferreira Botelho.

## INSTRUÇÃO E EDUCAÇÃO

### A salvação nacional pela acção escolar

VI

Um regime agrário a que assiste uma justiça relativa facilitou ao agricultor a posse e domínio do sólo, e, por isso, elle trabalha com prazer, não invejando a riqueza e prosperidades alheias conformando-se com a sua mediania, e reconhece no bem estar do vizinho um incentivo, um estímulo para um maior e mais acertado trabalho.

O agricultor vê decorrer a vida no meio de um trabalho intenso, não há dúvida; mas não se enerva, não se irrita nem revolta, porquanto possui e instrumentaliza própria do seu mistér e o producto da seu labor reverte integro para o casal.

O seu idial reduz-se a pouco—ser independente.

Preocupam-no pouco as convulsões sociais, as sedições militares e golpes políticos. Os seus olhos o que mais fitam é o fisco que não raro lhe desequilibra o orçamento caseiro.

Entanto esforça-se por ser um homem: na familia é um exemplo e para o seu lar canaliza a felicidade dos tranquiis.

Não se julgue, portanto, insensato procurar-se tanto quanto possível a aproximação de condições do trabalhador rural e do operário fabril.

Amilida a tese aí temos a impôr-se esmagadoramente a necessidade de tornar um facto a instrução educativa popular, de tornar possível e viável a apropriação dos instrumentos do trabalho e do próprio capital, de promover a fundação de instituições cooperativistas, de normalizar os salários e de abolir aniquados privilégios de facto.

Apesar da tremenda vergonha que nos anos volvidos sobre o constitucionalismo tem sido em Portugal a instrução popular, em grande parte foi possível resolver a questão social nas indústrias agricolas, as quais têm vivido num regime agrário já bem secular.

O que se observa nas outras indústrias?

Vivendo em regimes transitórios eivadissimos do espirito de imitação de países em que muitos defeitos de organização ainda existem, mas que são bem compensados pelo interesse comum do aperfeiçoamento contínuo, atravessam entre nós ainda o período confuso do trabalho.

Somos levados a reconhecer muita paridade entre a luta que há séculos se travou para a indústria agri-

cola, entre os escravos e os senhores, e a que se observa entre o operariado moderno e os empresários, isto é, entre o capital e o trabalho.

Os escravos evoluíram para servos da gleba e lentamente, mas com segurança, atingiram a democracia rural, que partilhou o sólo, garantindo o producto do trabalho de cada qua'.

O que nos tempos idos demorava longos prazos para se transformar alcança nos tempos decorrentes o seu desiderato em prazos relativamente curtos.

Assim acreditamos que a evolução que se vai operando no mundo industrial moderno não será tão morosa.

Prof. J. F. B.

27/10/929. Continúa.

## BICOTILHANDO...

A nossa campanha contra os reaccionários tem causado engulhos a muita gente e dizem-nos que os números do nosso jornal enviados para a biblioteca da Sociedade, saiem da mēsa de leitura tão poídos, que é preciso muito cuidado em arrecadá-los, não vão rasgar-se. Parece que vai ser estabelecida a «bicha»...

Agradecemos a certo professor do Liceu as a náveis referências que nos tem feito e esperamos que continue a mostrar os seus colmilhos de gôso...

Pena é que o faça muito encobertamente e se não desmascare, a parecendo-nos de frente a frente.

Ainda o funeral de Miguel R. Guimarães

Por lapso não foram mencionados os nomes dos nossos presados amigos e correligionários, Snrs. António Francisco Pereira de Castro e José Fernandes Guimarães, que fizeram parte do 1.<sup>o</sup> turno, no funeral do nosso saudoso correligionário Miguel Ribeiro Guimarães. Aqui fica a rectificação.

## NOTICIAS ESCOLARES

Já excede 500 o número de crianças matriculadas na Escola Central Masculina, desta cidade.

Continuam na mesma Escola os exercicios de educação física, notando-se bem os progressos feitos.

Propagai "A Velha Guarda"

## Professor

O professor da Escola Central Masculina, Jerônimo Ferreira Botelho, leciona em casa dos alunos instrução primária, habilitada para exame de admissão ao Liceu, bem como dá lições de contabilidade commercial.